

# ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA: ANÁLISE DE UMA INTERVENÇÃO

## PROFESSIONAL ORIENTATION FOR STUDENTS IN A PUBLIC SCHOOL: ANALYSIS OF AN INTERVENTION

Alexandre da Silva de Paula<sup>1</sup>  
Vinícius Flavio Pestana<sup>2</sup>

Data de entrega dos originais à redação em: 27/08/2016  
e recebido para diagramação em: 16/08/2017.

*O presente estudo teve como objetivo investigar as contribuições de um projeto de orientação profissional aplicado em adolescentes que cursavam o Ensino Médio numa escola pública do Estado de São Paulo. O estudo foi constituído por uma amostra de 14 participantes, sendo 6 alunos e 8 alunas, com idades de 17 até 19 anos. Os instrumentos empregados foram a escala de Maturidade para Escolha Profissional e o Mosaico de perguntas abertas. Os resultados indicam que o grupo de alunos que passou pelas etapas da orientação profissional adquiriu conhecimentos para a escolha da carreira, alcançando níveis importantes na Maturidade Profissional. A pesquisa aponta, ainda, que os ganhos em participantes do sexo feminino foram mais expressivos. Os resultados indicam o quanto a orientação profissional pode auxiliar nos processos subjetivos de descobertas, autoconhecimento, identificações pessoais e com o mundo do trabalho.*

*Palavras-chave:* Orientação Profissional. Carreira. Orientação Vocacional. Orientação Educacional.

*This study aimed to investigate the contributions of a professional orientation project applied in high school students in a public school in the state of São Paulo. It consisted of a sample of 14 participants, 6 males and 8 females, ages 17 to 19. The instruments used were the Maturity scale for Professional Choice and a mosaic of open questions. The results indicate that the group of students who went through the stages of vocational guidance acquired knowledge for career choice, reaching important levels in the Professional Maturity. The research also shows that the gains in female participants were more expressive. The results indicate how professional guidance can help in subjective processes of discovery, self-awareness, personal identifications and the world of work.*

*Keywords:* Professional Guidance. Career. Vocational Guidance. Educational Guidance.

### 1 INTRODUÇÃO

Segundo Castels (1998), o trabalho é uma referência não só econômica, mas também cultural e simbólica. Podemos afirmar que o trabalho tem sua importância na formação e direcionamento do jovem na vida em sociedade. A orientação profissional é um facilitador desse processo de inserção social dos estudantes que estão em busca de espaço e oportunidades no mercado competitivo.

A orientação, no sentido lato da palavra, tem que distinguir diferentes níveis de intervenção: a intervenção ao nível da informação sobre o que é a organização do trabalho, a intervenção de natureza psico-pedagógica para ajudar no desenvolvimento de competências; e o aconselhamento de carreira. Este assunto abre o caminho para a reflexão sobre os princípios orientadores que delimitam os campos conceituais da orientação e do aconselhamento de carreira (DUARTE, 2015, p. 114).

Para Melo-Silva et al. (2004) a orientação profissional constitui um campo de atividade que auxilia pessoas a tomarem decisões no âmbito do trabalho e/ou estudos, podendo contribuir para a educação profissional e a transição da escola para o trabalho. Trata-se de uma área de atuação com muitas demandas para os

psicólogos escolares, os quais podem mediar o processo de escolha de tal forma que os alunos desenvolvam atitudes condizentes com as expectativas nos ambientes profissionais.

Diante dos dilemas das escolhas é prudente destacar, ainda, que as profissões possuem “um status social, servindo em nossa sociedade como um diferenciador, um identificador de papéis sociais, até de uma opção de vida, quer tenha sido escolhida conscientemente quer não” (SILVA; SOARES, 2001, p. 117). Compreendemos que “o maior desafio da orientação profissional para adolescentes escolares é o de conseguir, ao mesmo tempo, preparar para a atuação no mundo do trabalho e não limitar a formação do indivíduo a um processo de adaptação ao mercado de trabalho” (OLIVEIRA; ANJOS, 2011, p. 25).

Com efeito, nesse mundo de constantes mudanças organizacionais e inovações tecnológicas, a orientação profissional torna-se importante em diversos estágios da vida. É comum o direcionamento das práticas de orientação no contexto da adolescência, porém, na infância e mesmo na idade adulta as técnicas podem oferecer momentos importantes para reflexão, autoconhecimento e motivação para o trabalho.

Watson e McMahonb (2003) alertam para a necessidade de atender os sujeitos ao longo do ciclo vital, abarcando as múltiplas influências no processo da

1 - Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo/FFCLRP. Psicólogo no IFSP, Câmpus Votuporanga e Docente no Centro Universitário de Votuporanga. Av. Jerônimo Figueira da Costa, 3014. Bairro: Pozzobon - Votuporanga - SP, CEP: 15503-110. Fone: (17) 3426-6990. <aledpaula@ifsp.edu.br >

2 - Centro Universitário de Votuporanga. Rua Pernambuco, 4196 - Centro - CEP 15500-006 - Votuporanga/SP. <viniciusflaviopestana@hotmail.com >.

escolha. Contudo, é sabido que a adolescência tem como característica a vivência de tensões e instabilidades. Neste sentido, é coerente o investimento em intervenções com os alunos que se encontram nesta etapa da vida.

“Ao se matricular no curso escolhido o aluno se depara com um currículo rígido. A definição profissional ocorre desde o primeiro semestre e o aluno não tem grandes chances de mudar de curso, mesmo que seja para cursos de áreas afins” (BUENO, 1992, p. 10)

Soma-se a isso que na adolescência ocorre a morte da criança e o nascimento do adulto como sujeito em busca de novos desafios. Trata-se, portanto, de “uma fase específica de transição, de passagem, onde aparece uma oportunidade de crescimento, mediante a elaboração de um luto, elaboração essa que é facilitada nas culturas por meio dos ritos (SILVA; SOARES, 2001, p. 116).

Quando a escolha da carreira não envolve esse processo de reflexão, auto avaliação e autocrítica pelo próprio aluno, muitas vezes, observa-se a desistência do curso escolhido para o Ensino Superior. “A evasão enquanto parte de uma questão mais ampla da escolha profissional não se contém em poucos aspectos, mas se caracteriza por um conjunto de fatores, que são multiplicativos e que vão definir as atitudes e motivações do estudante” (BEUNO, 1992, p. 13).

A evasão no Ensino Superior, infelizmente, é uma realidade dramática no Brasil. Os índices de evasão nas Faculdades e Universidades apontavam para uma marca de 20% em 2009. E, além disso, apenas 47,2% dos universitários conseguem o título almejado no período correto de curso. Ou seja, quase metade dos universitários não se forma nos anos regulares devido alguma dificuldade (SILVA FILHO et al., 2007).

Soma-se a isso que “o aumento quantitativo do número de vagas foi considerável nos últimos anos, mas a sua concentração no ensino pago, ou seja, nas escolas particulares, não reduziu as desigualdades entre os grupos sociais nas últimas décadas” (BAGGI; LOPES, 2011, p. 356). Diante da relevância atual do tema, o presente estudo indaga sobre as possíveis consequências de uma intervenção em orientação profissional com alunos de uma escola pública no âmbito da maturidade profissional; escolha de carreira; perspectiva de trabalho; autoconhecimento e determinação pessoal.

## 2 METODOLOGIA

O estudo empregou a metodologia denominada pesquisa ação, que segundo Thiollent (1988), pode ser compreendida como a produção de uma pesquisa de cunho social e de base empírica. A pesquisa ação tem como característica a intervenção planejada no ambiente que ocorre a coleta de dados, compreendendo os sujeitos como atores sociais que participam ativamente na construção dos resultados. Desta forma, propõe a superação de dicotomias e cisões superficiais entre o pesquisador e os participantes do estudo. Adota-se a postura crítica e comprometida com a realidade, compreendida em sua concretude histórica e cultural.

### 2.1 Contexto institucional

Os dados foram coletados numa pública escola estadual, situada na região central de uma cidade

de médio porte do interior do Estado de São Paulo. A escola atendia cerca de 1.400 alunos no Ensino Fundamental. A estrutura da unidade contava com 23 salas de aula, sala de diretoria, sala de secretária, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, cozinha, sala de leitura, banheiro dentro do prédio, almoxarifado e pátio coberto. Esta escola não possuía adequações ou vias adequadas para os alunos com necessidades especiais ou mobilidade reduzida.

Localizada numa região de classe média, a escola recebia poucos alunos de seu entorno. A grande maioria dos alunos matriculados tinha origem em bairros de periferia, além de alunos de outras cidades da região. Dos 1.400 alunos que a escola possuía, 720 eram do ensino médio. A escola estava vinculada ao Programa Escola da Família, que disponibiliza nos finais de semana práticas de esporte e cultura para a comunidade. Outro programa ofertado era o curso gratuito de línguas, nos idiomas espanhol e francês para alunos a partir do segundo ano do ensino médio.

No ano de 2011 a escola atingiu a meta do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que calcula os resultados da Prova Brasil e a Taxa de Aprovação, a escola obteve 4,1 pontos, sendo que a meta era de 4,0. Já no ano de 2013, a escola recuou para 3,9 pontos, sendo que sua meta era 4,3. Segundo a nota do IDEB 2013 (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), o município figurava entre as 10 melhores cidades na educação fundamental entre os municípios com mais de 50 mil habitantes.

### 2.2 Procedimentos

Foi aplicada a Escala para Maturidade de Escolha Profissional (EMEP) em 7 alunos que participaram do projeto de orientação profissional e em outros 7 alunos que não receberam a orientação. Os alunos tinham o mesmo perfil sociográfico na média de idade, renda per capita familiar e escolaridade.

A EMEP é uma escala multifatorial composta por cinco subescalas, sendo as três primeiras relacionadas às atitudes dos sujeitos para a escolha e as duas últimas referentes aos conhecimentos necessários para a tomada de decisões. Foi utilizado, ainda, um questionário previamente elaborado em forma de mosaico com a técnica “Gosto e faço”.

Os dados foram coletados na sala de aula em que ocorreu o processo de orientação profissional, após a anuência da direção. Os procedimentos da orientação envolveram técnicas vivenciais para a identificação de aptidões e interesses profissionais dos alunos. Nos encontros foram utilizados textos temáticos, questionários, vídeos, dinâmicas de grupo e músicas. As sessões eram interativas, possibilitando aos alunos momentos de reflexão e análise sobre a escolha.

## 3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os participantes, 57% eram do sexo feminino e 43% do sexo masculino. Com relação à faixa etária, 79% dos alunos tinha 17 anos, 14% tinha 18 anos e 7% com 19 anos. A seguir a caracterização dos fatores que tratam a Escala de Maturidade Profissional – EMEP.

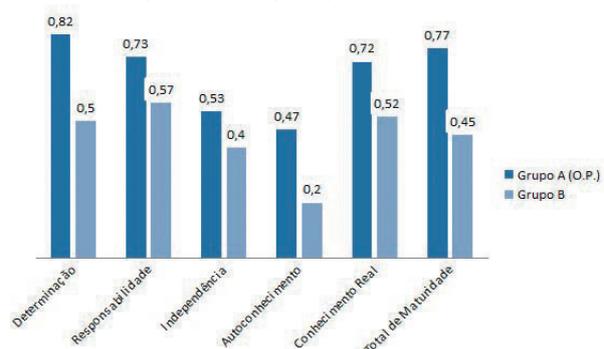
Tabela 1 – Descrição literal das Subescalas do EMEP

1. Determinação para a escolha profissional: avalia o quanto o indivíduo está definido e seguro em relação à sua escolha.
2. Responsabilidade para a escolha profissional: mede o quanto o indivíduo preocupa-se com a escolha profissional.
3. Independência para a escolha profissional: mede quanto o indivíduo está definindo sua escolha profissional de forma independente.
4. Autoconhecimento: mede quanto o indivíduo conhece dos diferentes aspectos de sua pessoa que são importantes para a escolha profissional.
5. Conhecimento da realidade educativa e profissional: mede quanto o indivíduo conhece o mercado de trabalho, nível salarial, instituições de ensino, etc.

Fonte: NEIVA (1999) Escala de Maturidade para Escolha Profissional – EMEP.

Para apresentação dos resultados foram elaborados gráficos, segundo as informações coletadas na EMEP, tendo em vista a comparação entre o grupo A (alunos que participaram da orientação profissional e alunos do grupo B (alunos que não participaram da orientação profissional). Além disso, realizou-se uma comparação entre os resultados obtidos pelos alunos do sexo masculino (gráfico 1) e as alunas do sexo feminino (gráfico 2).

Gráfico 1 – Média percentil entre participantes do sexo masculino



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Entre os “grupos A e B” do sexo masculino houve uma diferença considerável na subescala Maturidade Total. Nota-se uma diferença de 32% entre os alunos. O número representa mais de um terço de ganhos após a aplicação das técnicas.

Já em relação a subescala Autoconhecimento, tanto o “grupo A” quanto o “grupo B”, não atingiram nem 50% da pontuação. A pesquisa conduzida por Lassance et al. (2009) também destaca índices modestos no item Autoconhecimento em alunos do sexo masculino que participaram da orientação profissional.

Esse dado sugere que embora a intervenção visasse ampliar reflexões sobre a personalidade dos alunos, as contribuições foram restritas. Contudo, os resultados indicam que mesmo com o menor alcance, a subescala Autoconhecimento foi a que mais evoluiu nos alunos do sexo masculino.

Na subescala Independência, nota-se uma menor evolução em relação aos demais quesitos avaliados. Houve um aumento de 13%, em comparação com os participantes que não tiveram acesso às técnicas. Melo-Silva et al. (2004) indica que uma das hipóteses para esse

resultado é que na adolescência o jovem é mais dependente da família no sentido econômico, afetivo e ideológico.

É notório que os alunos das escolas públicas precisam, cada vez mais, de incentivo para pensarem e agirem com autonomia, isso tende a favorecer a emergência de sentimentos como otimismo e a persistência perante as adversidades que surgem ao longo da vida. É oportuno citar que “a escolha profissional não depende

de uma única variável, ao contrário, é multifatorial. Vários fatores influenciam na maior ou menor qualidade da escolha e no tipo de vínculo que o sujeito vai desenvolver com o seu objeto de trabalho (NEIVA et al., 2005, p. 2).

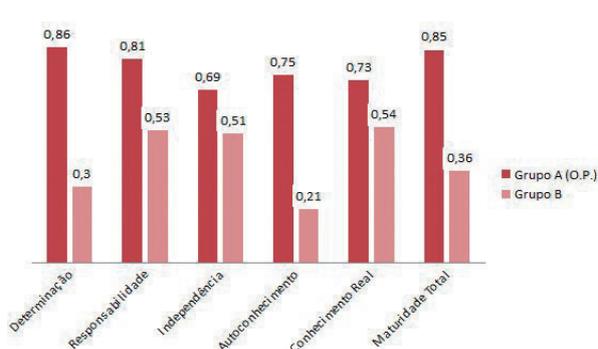
Nas subescalas que avaliam os quesitos Determinação, Responsabilidade e Conhecimento da Realidade, os resultados indicam que os alunos do sexo masculino, atingiram níveis maiores, na comparação com alunos que não participaram da orientação. Nota-se que a pontuação foi superior aos 70%. A seguir o Gráfico 2 que descreve a média e evolução de respostas das participantes do sexo feminino do grupo “A” (participou da orientação profissional) e do grupo “B” (não participou da orientação profissional).

Os resultados obtidos pelas alunas do “grupo A” foram, consideravelmente, superiores em relação ao “grupo B”. No quesito Maturidade Total, o “grupo A” evoluiu 49% em relação ao “grupo B”. Os resultados indicam que os ganhos para as alunas foram, também, superiores em comparação aos ganhos para os alunos do “grupo A”.

No quesito Autoconhecimento, as alunas do “grupo A” obtiveram 85%, contra 21% do “grupo B”, um aumento de 64%. Ou seja, o “grupo A” triplicou os resultados. Na subescala Responsabilidade, os resultados apontam uma menor diferença entre os grupos do sexo feminino, apesar do “grupo A” ter atingido 69%, o “grupo B” atingiu 51,25%. Essa foi a única subescala que operou na faixa de até 20% de diferença. Isso sugere que as alunas, mesmo sem a orientação profissional, apresentam certa responsabilidade profissional.

De acordo com Junqueira (2010), em relação ao gênero, boa parte das pesquisas realizadas demonstram que as participantes do sexo feminino são mais maduras

Gráfico 2 – Média de percentil entre participantes do sexo feminino



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

para a escolha da carreira do que os participantes do sexo masculino

Neste estudo, uma avaliação comparativa entre os resultados obtidos pelos alunos e pelas alunas reforça a tendência apontada na literatura de que as meninas apresentam maior desenvoltura, envolvimento crítico e subjetivo com as reflexões propostas no processo de orientação profissional.

A seguir, na tabela 2, indica-se a média de respostas separadas pelos quesitos das subescalas entre os alunos e as alunas.

Tabela 2 – Resultados gerais das subescalas separado por grupos

SUBESCALA	Grupo A (masc.)	Grupo A (fem.)	Grupo B (masc.)	Grupo B (fem.)
Determinação	81,66%	85,75%	50%	30%
Responsabilidade	73%	81%	57%	53%
Independência	53%	69%	40,00%	51,25%
Autoconhecimento	47%	75%	20%	21%
Conhecimento da Realidade	72%	73%	51,66%	53,75%
Maturidade Total	77%	85%	45%	36%
Participou de Orien.	SIM	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Os resultados apontados na tabela demonstram que na subescala Determinação houve um empate técnico, sendo 85,75% para os participantes do sexo feminino e 81,66% para os do sexo masculino. Isso indica que independente do sexo, a técnica conseguiu atingir o objetivo de estimular e propiciar aos alunos momentos importantes para a descoberta de interesses e elaboração coletiva de anseios diante da escolha da profissão.

Na subescala Responsividade os resultados dos participantes de ambos os sexos, novamente, apontam um empate técnico. As alunas do sexo feminino atingiram 81% de ganhos, contra 73% dos alunos do sexo masculino. Como destacado anteriormente, nota-se que as alunas alcançaram os maiores ganhos, aprendizagem e assimilação das informações ao longo das atividades.

Oportuno citar que houve um melhor desempenho dos meninos ("grupo B") em relação as meninas ("grupo B"). Porém no "grupo A", ocorreu o inverso, as meninas superaram os meninos em todos os quesitos. Neiva et al. (2005) também constatou em sua pesquisa que as meninas são mais maduras que os rapazes em vários quesitos da EMEP. Para avançarmos na discussão sobre os resultados expressos pelos alunos do sexo masculino, cabe, ainda, o alerta de SILVA; SOARES (2001, p. 120) sobre a dimensão psíquica dos conflitos que atravessam a vida do adolescente:

Como o adolescente nesse momento da sua vida entra em contato com uma grande quantidade de conteúdos psíquicos, acaba assustando-se com a imensidão (e intensidade) do que vivencia, o que faz com que tente abafar (por medo) tais manifestações. Isto resulta num bloqueio de grande proporção, onde o jovem nega os conhecimentos que tem de si mesmo, não só no sentido psicológico, mas também no biológico,

por exemplo na repressão de sensações/excitações corporais por vergonha, ou falta de ajustamento social [...]

Diante disso, torna-se evidente que os fatores associados aos papéis de gênero devem ser ponderados durante as etapas da orientação profissional. Sabemos que homens e mulheres, assim como alunos e alunas ocupam posições de poder e exercem funções diferenciadas na sociedade e nas escolas. Para Lemos et al. (2005, p. 133) é um fato que a vida universitária permite

ao estudante desenvolver-se e assumir papéis ocupacionais "este momento caracteriza-se como um importante referencial para o jovem que integra a sua personalidade valores da sociedade que ele reproduz e questiona".

Cabe aos profissionais que atuam com esses alunos fomentarem ainda mais o envolvimento e a participação dos meninos, de tal forma que eles possam apoderar-se das reflexões sobre a escolha da carreira da mesma forma que as meninas. Portanto, este estudo além de corroborar as descobertas da literatura especializada, demarca a necessidade de avanços na orientação profissional com alunos do sexo masculino. É sabido que vivemos em uma cultura onde predominam assimetrias nas relações de gênero. Os profissionais da educação e psicólogos escolares podem, também, mediar a desconstrução de estereótipos cristalizados na sociedade sobre profissões masculinas e femininas, subsidiando a expressão subjetiva, o manejo das emoções e a sensibilidade dos alunos do sexo masculino.

A orientação profissional nas escolas públicas é uma proposta interventiva que ganha corpo por seu compromisso com a igualdade e emancipação dos alunos, independente do gênero em questão. Trata-se de um instrumento dinâmico, coletivo e vivencial capaz de potencializar habilidades e competências, sobretudo, resgatando a autoestima de alunos que convivem com o fracasso escolar. A defesa de que projetos desta natureza devem alcançar cada vez mais os alunos das escolas públicas consiste numa atitude eminentemente engajada com uma parcela significativa da população a qual, muitas vezes, não tem acesso à informação científica e a realidade das profissões de nível superior.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou avaliar as contribuições da orientação profissional para dois grupos de alunos de uma escola pública. Consideramos, através da análise dos dados obtidos, que o aluno que passa pelo processo de orientação profissional alcança ganhos importantes para o futuro na carreira. A pesquisa aponta, ainda, que os ganhos em participantes do sexo feminino

foram proporcionalmente maiores em analogia aos participantes do sexo masculino.

Apesar dessa disparidade, podemos considerar que as técnicas proporcionaram resultados favoráveis aos participantes, independente do sexo ou idade. Entendemos que os ganhos dessas habilidades profissionais, descritas nos quesitos das subescalas, são de grande valor para alunos que têm poucos momentos dedicados a pensar e avaliar criticamente as perspectivas profissionais.

Em decorrência da realidade brasileira, marcada por discrepâncias e injustiças sociais, muitos alunos são lançados ao mercado de trabalho por necessidades de sobrevivência sem terem a oportunidade de passar por um processo de orientação com profissionais especializados. Assim, esta pesquisa reforça a importância de políticas públicas e investimentos em educação que viabilizem a implementação de programas de orientação profissional nas instituições de ensino.

É oportuno citar que identificamos, através de pesquisa online, que no ensino médio da rede pública do Estado de São Paulo, não existe nenhum projeto que ofereça os serviços de orientação profissional aos estudantes. O papel do psicólogo com esses alunos consiste em amenizar as dúvidas, propondo alternativas viáveis e concretas diante do mercado de trabalho. Enfim, trata-se de apontar estratégias de enfrentamento para superação de ansiedades e frustrações, para que o futuro seja exitoso na vida e na profissão.

## REFERÊNCIAS

- BAGGI, Cristiane Aparecida Santos; LOPES, Doraci Alves. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. *Avaliação (Campinas)*, v. 16, n. 2, p. 355-374, 2011.
- BUENO, José Lino Oliveira. A evasão de alunos. *Paideia (Ribeirão Preto)*, n.5, p.9-19, 1993.
- CASTELS, Robert. **As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DUARTE, Maria Eduarda. Inovação em orientação e aconselhamento de carreira: mitos e realidades. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 16, n. 2, p. 110-121, 2015.
- GOMES, Maria José; MONTEIRO, Mariana; DAMASCENO, Anderson Medeiros ALMEIDA, Tereza Jacy Silva; CARVALHO, Raquel Baroni. Evasão Acadêmica no Ensino Superior: Estudo na Área da Saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, v. 2, n. 1, p. 6-13, 2010.
- LASSANCE, Maria Célia Pachec; BARDAGI, Marúcia Patta; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Avaliação de uma intervenção cognitivo-evolutiva em orientação profissional com um grupo de adolescentes brasileiros. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 10, n. 1, p. 23-32, 2009.
- LEMOS, Caioá Geraiges; BUENO, José Maurício Haas; BALÃO, Sonia, SILVA, Letícia Blumenschein, & SILVA, Priscila Lopes. Carreira profissional e relações de gênero: um estudo comparativo em estudantes universitários. *Boletim de Psicologia*, v. 55, n. 123, p. 129-148, 2005.
- NEIVA, Kathia Maria Costa; SILVA, Marrita Bertassomi; MIRANDA, Vera Regina; ESTEVEZ, Cristiano. Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 6, n. 1, p. 1-14, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Beatriz Loureiro de; ANJOS, Ricardo Eleutério dos. Contribuições da psicologia histórico-cultural à orientação profissional de adolescentes: A escolha profissional em questão. *Avesso do Avesso*, v.9, n.9, p. 20-34, 2011.
- SILVA, André Luiz Picolli da; SOARES, Dulce Helena Penna. A orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 2, p. 115-121, 2001.
- SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo; MOTEJUNAS, Paulo Roberto; HIPOLITO, Oscar; LOBO, Maria Beatriz de Carvalho Melo. A evasão no ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n.132, p. 641-659, 2007.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.
- WATSON Mark., McMAHON Mary. My System of Career Influences: Responding to challenges facing career education. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 6, 159-166, 2006.